



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Artur Azevedo

Entre a missa e o almoço



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Entre a missa e o almoço

Artur Azevedo

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Escrita em 1889.

Livro Digital nº 506 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo

(1855 - 1908)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

ENTRE A MISSA E O ALMOÇO

ENTREATO CÔMICO



Representado no Teatro Recreio Dramático em 25 de outubro de 1907.

PERSONAGENS:

A VISCONDESSA

ISALTINA

DUDU

LUÍSA

LAURA

ELISIÁRIA

ARNALDO VIEGAS

PEDRO

Rio de Janeiro. Atualidade.

(Sala em casa da viscondessa. Boa mobília, quadros, objetos de arte, etc. Porta ao fundo dando para o jardim. Duas portas à direita, janela à esquerda)

CENA I

Pedro, depois Arnaldo

(Ao levantar o pano, Pedro, o copeiro da casa, espana os móveis; alguns momentos depois, ouve-se uma campainha elétrica. Ele vai à porta do fundo e olha para fora).

PEDRO

Oh! O Sr. Dr. Arnaldo! Entre, Sr. doutor! *(Arnaldo entra)*. Como tem passado vossa senhoria? Vossa senhoria não se lembra de mim? Sou o Pedro... o Pedro, que foi copeiro de vossa senhoria!

ARNALDO

Ah!

PEDRO

Tenha a bondade de sentar-se.

ARNALDO

Obrigado. Estou bem.

PEDRO

A Sra. D. Alice está boa?

ARNALDO

Creio que sim.

PEDRO

Não fique querendo mal à Sra. D. Alice, não senhor; mas a Sra. D. Alice foi muito injusta para comigo.

ARNALDO (*quase interessado, a seu pesar*)

Por quê?

PEDRO

Pois vossa senhoria não se lembra que ela me despediu sem razão?

ARNALDO

Não sei disso.

PEDRO

Eu fazia muito bem a minha obrigação; não havia motivo de queixa; entretanto, o pretexto foi que o meu serviço era mau. (*Sorrindo*). Depois vim a saber de tudo...

ARNALDO (*desta vez interessado*)

Tudo quê?

PEDRO

Quem me disse foi seu Ferreira.

ARNALDO

Quem é seu Ferreira?

PEDRO

O homem da venda. A cozinheira contou que eu era "onze letras" de vossa senhoria, que trazia recadinhos em segredo a vossa senhoria... Ora seja tudo por amor de Deus!...

ARNALDO

Bom! Isso não tem importância.

PEDRO

Como não tem importância? Tem importância, sim senhor! Eu sou um pobre criado de servir, um homem de cor, mas nunca foi Mercúrio de ninguém!

ARNALDO

Isso lá vai...

PEDRO

Nunca tive patroa mais ciumenta que aquela! Vossa senhoria vivia muito apoquentado!

ARNALDO (*a quem desagrada a conversa, naturalmente por ser com quem é*)
O visconde está em casa?

PEDRO

Está sim senhor... está ali (*Apontando para a direita baixa*), no seu gabinete, ocupado com a sua advocacia!... Oh! O Sr. visconde trabalha muito! Às 6 da manhã já está de pé... Senta-se à mesa de trabalho e desunha até às 11, mesmo aos domingos, como hoje!

ARNALDO

Está sozinho?

PEDRO

Sozinho. A Sra. viscondessa foi ouvir missa ali na matriz. É verdade que a missa está a acabar, e a Sra. viscondessa não tarda aí com as amigas.

ARNALDO

As amigas?

PEDRO

Sim, senhor. Todos os domingos, depois da missa, ela traz consigo, da igreja, quatro ou cinco senhoras da vizinhança, que vêm tomar café e conversar, aqui na sala, sobre todos os assuntos da semana... é assim uma espécie de folhetim... (*Animado por um quase sorriso de Arnaldo*) Cortam na

pele das outras... e principalmente das outras, que é um gostinho. Se vossa senhoria assistisse, escondido, a uma dessas conversas entre a missa e o almoço, divertia-se a valer! são terríveis! Sabem de tudo quanto se passa na casa alheia! A Sra. viscondessa é a que menos fala, mas parece que dá o cavaquinho por ouvir falar. É uma boa senhora, vossa senhoria não acha?

ARNALDO

Acho que você não perderia nada se também falasse menos. Ande, leve o meu cartão ao visconde, e pergunte-lhe se me pode receber.

PEDRO (*que recebe o cartão, sai pela direita e volta logo depois*)

O Sr. visconde pede a vossa senhoria que entre. (Arnaldo, que examinava os quadros, sai pela direita baixa. Ouvem-se os sinos da igreja próxima) Chi! Acabou a missa e a sala não está completamente espanada! (Espana às pressas) A Sra. viscondessa, vendo um pouquinho de pé, faz um tempo quente! Bom! Pronto! Agora é tratar do café! (*Olhando para fora ao passar pela porta do fundo*). Era tempo: aí vem o folhetim... (*Sai pela direita alta*).

CENA II

A Viscondessa Isaltina, Dudu, Luísa, Laura E Elisiária

(*Bem trajadas todas, mas em cabelo. Traz cada uma o seu livro de missa. A viscondessa vai para os cinquenta. Dudu tem apenas dezessete anos. É mal-educada. Luísa, sua mãe, é quarentona. As outras são senhoras de vinte e cinco a trinta anos*)

A VISCONDESSA (*entrando*)

Vão entrando sentem-se. Eu vou lá dentro ver o café. (*Entram outras. Dudu vai para a janela*).

ELISIÁRIA

Viscondessa, não se esqueça de recomendar que tragam a minha xícara com muito pouco açúcar! (*A viscondessa sai pela direita alta*).

LUÍSA

Tomara que o de hoje esteja melhor e o do domingo passado. Café, ou muito bom ou nenhum! (*De repente, vendo Dudu à janela*) Sai da janela, Dudu!

DUDU
Ora, mamãe!

LUÍSA
Não ouves! (*Dudu sai da janela*).

ELISIÁRIA
Há quatro, não: há cinco!

LAURA
Vocês também! Creio que há três!

ELISIÁRIA
Há cinco! Tem ouvido muita missa com aquela *toilette*!

LUÍSA
Pudera! O marido está pronto!

DUDU
Pronto para quê?

LUÍSA
"Pronto" quer dizer sem dinheiro.

DUDU
Nesse caso, também papai está pronto...

LUÍSA
Cala a boca, menina!

CENA III

As mesmas, a Viscondessa, Pedro

(A viscondessa entra da direita alta, acompanhada por Pedro, que traz o café numa bandeja de prata)

A VISCONDESSA *(às senhoras que estão de pé)*

Então, sentem-se!

(Estão sentadas todas. Pedro oferece-lhes café. Todas se servem).

ELISIÁRIA

Qual é a que tem pouco açúcar?

PEDRO

Esta.

(Enquanto as senhoras tomam café, Pedro espera ao fundo, com a bandeja na mão. Luísa ao provar a sua xícara, faz uma careta).

VISCONDESSA

Está bom?

LUÍSA

Esplêndido!

LAURA

Magnífico!

ISALTINA

Delicioso!

DUDU *(com ironia)*

Supimpa!

LUÍSA

Dudu! *(Pedro recolhe as xícaras vazias)*

ISALTINA *(pondo a sua xícara na bandeja)*

Estou tão habituada a este cafezinho depois da missa, que não poderia mais passar sem ele!

(Pedro sai pela direita alta, levando a bandeja. Silêncio).

DUDU *(solenemente)*

Está aberta a sessão! *(Todos riem)*.

LUÍSA

Dudu!

VISCONDESSA

Esta menina tem lembranças! Pois bem, está aberta a sessão. Quem pede a palavra!

ISALTINA

Eu!

VISCONDESSA

Tem a palavra.

ISALTINA

Quero dar-lhes uma grande novidade.

TODAS

Qual?

ISALTINA

Uma novidade de sensação! Preparem-se!

VISCONDESSA

Estamos preparadas.

ISALTINA

A Alice Viegas separou-se anteontem do marido!

TODAS

Hein!

VISCONDESSA

Que está dizendo, Isaltina? Isso pode lá ser!

LUÍSA

Não é possível!

ISALTINA

É o que lhes digo: separaram-se! A Alice está em casa dos pais, no Andaraí. Vão tratar do divórcio!

VISCONDESSA

Quem lhe deu essa notícia?

ISALTINA

Pessoa fidedigna: o médico da casa que assistiu, sem querer, ao final da cena de rompimento, e depois foi ao Andaraí para ver a Alice, que estava excessivamente nervosa.

VISCONDESSA

O Dr. Getúlio?

ISALTINA

Esse mesmo. Como sabem, é meu compadre. Foi, como todos os sábados jantar comigo ontem e contou-me tudo.

DUDU

Ora! Briga de marido e mulher não dura. Qualquer dia têm saudades um do outro e fazem as pazes!

LUÍSA

Cala a boca menina!

VISCONDESSA

É difícil de acreditar! O Arnaldo Viegas vivia com a mulher como dois pombinhos...

LAURA

Não quer dizer nada.

ISALTINA

As aparências iludem. Eles ultimamente não se podiam ver...

ELISIÁRIA

Pode ser tudo verdade. A minha engomadeira, que serviu em casa deles não há muito tempo, disse-me que andavam sempre como o cão e o gato.

VISCONDESSA (*em tom repreensivo*)

E você calada, Elisiária?

ELISIÁRIA

Esqueci-me de lhes dizer.

ISALTINA

Em todo o caso, não creio que a razão esteja com o marido...

DUDU (*arreatadamente*)

Por quê?

LUÍSA

Cala a boca, Dudu! Não te metas onde não és chamada!

LAURA

Conheço perfeitamente Alice; fomos companheiras de colégio; é uma senhora acima de qualquer suspeita.

ELISIÁRIA

Quem sabe lá? Tem se visto tanta coisa extraordinária!...

VISCONDESSA

Sim, tem-se visto muita coisa... mas não há dúvida que até hoje ninguém lembrou de dizer mal de Alice.

ISALTINA (*apoiando*)

Ninguém. Não gosto dela nem ela de mim, mas devo ser justa! Ninguém, nem mesmo nós!...

LAURA

Por que é que você não gosta dela? Alice é tão boazinha!...

ISALTINA

Não duvido; mas de tempos a esta parte começou a tratar-me por cima do ombro, fingindo que não me vê quando me encontra em qualquer parte, minha amiga, mas não me quis dizer por que.

DUDU

Então seria melhor que não a prevenisse!

LUÍSA

Cala a boca, Dudu!

DUDU

Eu, quando me tratam mal, quero por quê!

LUÍSA

Então?

DUDU

Ora, mamãe! Estou dizendo alguma asneira?

LUÍSA

Estas conversas não são para senhoritas.

DUDU

Então por que a senhora me trouxe? (*Vai de mau modo para a janela*).

ISALTINA

Sou tão superior a essas pequenices, que a defendo, mesmo sem conhecer os motivos da separação!

VISCONDESSA

Conheço de perto o Dr. Arnaldo, que é contraparente do visconde. É um moço distintíssimo, correto, bem-educado, e nada consta que o desabone.

ELISIÁRIA

A Alice tem um grande defeito.

TODAS (*com interesse*)

Qual?

ELISIÁRIA

É muito ciumenta. A esse respeito a minha engomadeira contou-me coisas muito interessantes.

LUÍSA (*vendo Dudu à janela*)

Dudu, sai da janela! Oh, que menina teimosa!...

VISCONDESSA

Deixa-a. Que tem?

LUÍSA

O filho do Oliveira estava na igreja e não tirava os olhos dela. Naturalmente anda a rondar. - Dudu!

DUDU (*saindo da janela*)

Ora, mamãe!... Não sei o que faça!... Se fico aqui, não devo ouvir a conversa, que é gênero livre; se vou para a janela, não devo estar na janela! Que coisa! (*Senta-se amuada a folhear um álbum de retratos*).

LUÍSA

Coisa ruim!...

LAURA

Também eu creio que sejam os ciúmes o motivo da separação. O Dr. Viegas vivia num cortado!

ISALTINA

Minha cara, não há desconfiança de esposa que não tenha razão de ser. Isso de ciúmes infundados é uma história inventada pelos senhores homens. A Alice era ciumenta porque provavelmente o marido lhe dava razão para isso.

VISCONDESSA

Deus me livre de defender homens, mas não de convir; há casos em que a injustiça de certas senhoras...

ISALTINA

As vítimas somos sempre nós!

ELISIÁRIA

Sempre? Isso é muito absoluto!

ISALTINA

Será, mas é assim mesmo. Nesse ponto sou intransigente. Defendo contra os homens até as minhas próprias inimigas!...

VISCONDESSA

É levar muito longe o feminismo ou o espírito do sexo.

ISALTINA

Não há maridos irrepreensíveis... e compreende-se: eles saem, vão a toda são parte, são livres, e não há ninguém que não abuse da liberdade... Isso está na massa do sangue humano... E nós ficamos em casa, metidas entre paredes...

DUDU

Entre quatro paredes? Pois sim! Há senhoras casadas que apanhando os maridos na rua...

LUÍSA

Cala a boca, Dudu.

ISALTINA

Se o Dr. Arnaldo Viegas aparecesse aqui neste momento, eu interpelá-lo-ia e vocês veriam se tenho ou não tenho razão!

(Abre-se a porta da direita baixa e aparece Arnaldo Viegas. Espanto geral. Todas as senhoras se levantam)

CENA IV

As mesmas, Arnaldo Viegas

ARNALDO *(tomando a cena depois de uma larga pausa)*

O Dr. Arnaldo Viegas aqui está, minha senhora, e pronto para responder à interpelação... Ouvi sem querer... Estava naquele gabinete em conferência com o visconde, e ao sair...

VISCONDESSA

Não sabíamos. A sua presença foi para nós uma surpresa, e o seu aparecimento produziu um efeito verdadeiramente teatral (*rindo-se*). Mas não faça caso do que disse a Isaltina.

ISALTINA

Ah! Eu não recuo, viscondessa! Os homens não metem medo!...

ARNALDO

O mesmo não digo eu das mulheres, mas faz vossa excelência muito bem e, uma vez que deseja interpelar-me, interpele-me à vontade!

DUDU

Quero ver como d. Isaltina descalça essa bota!

LUÍSA

Dudu!

ARNALDO

O assunto da interpelação não pode ser outro senão o lamentável incidente, que se acaba de dar na minha casa, e do qual foi testemunha, em parte, o Dr. Getúlio, compadre de vossa excelência - mas vossas excelências estavam sentadas... levantaram-se quando eu entrei... queiram sentar-se. Também eu me sento. (*Sentam-se todos*). Pois, é verdade, minhas senhoras, separei-me de minha mulher. Era dela que falavam? Destruíu todo o meu laborioso sonho de futuro... "Destruíu" é um modo de dizer: destruído estava ele há muito tempo. Agora mesmo solicitei do visconde que se encarregasse do meu processo de divórcio... Divórcio? Quando poderia eu pensar que o meu amor tivesse um epílogo judiciário! (*Silêncio*). Enganei-me? Não era esse o objeto da interpelação?

ISALTINA

Era, sim, senhor. Eu defendi sua senhora. O doutor bem sabe que ela, não sei por que, deixou de simpatizar comigo; portanto, não sou suspeita... Qual dos dois é o culpado? Ela? Duvido!

ARNALDO

Somos culpados ambos, ela e eu. Ela, porque era injusta, porque fazia da nossa casa um inferno e não me deixava trabalhar, e porque, casado há

quase três anos, não tratei de corrigir desde os primeiros dias, os seus defeitos De educação. Alice entendeu que eu deveria ser, não o seu esposo, não o seu companheiro, amante, leal e dedicado, mas o escravo dos seus caprichos, das suas fantasias, das suas ilusões. Fiz todos os esforços para viver só para ela e para o trabalho, mas não consegui. Se continuássemos ligados um ao outro, em pouco tempo estaríamos velhos e gastos. Não nos compreendíamos, e já não nos amávamos. Não tínhamos filhos, éramos ricos, o melhor que podíamos fazer era procurar cada qual outro rumo. Foi o que fizemos.

ISALTINA

Mas Alice é uma senhora honesta.

ARNALDO

Quem diz o contrário? Posso dar o melhor testemunho da sua honestidade, empregando a palavra honestidade na acepção em que vossa excelência a empregou, isto é, tenho certeza de que Alice, depois de casada, nunca pensou noutro homem que não fosse eu.

LUÍSA

Dudu, vai para a janela.

DUDU

Que coisa! (*Vai para a janela*).

ARNALDO

Ela é honesta, e também eu o sou, conquanto, ela e vossas excelências não creiam. (*Murmúrios de protestos*). Mas a honestidade não basta para fazer a ventura de um casal; é preciso também o amor. Desde que este desapareceu para dar lugar à mentira e à hipocrisia, só as conveniências sociais me obrigariam a aceitar uma situação intolerável e eu - com perdão de vossas excelências - declaro que não sacrifico a minha vida à sociedade, nem o meu quinhão de felicidade a essa moral despótica que é a desgraça dos fracos. Não sou fatalista, não creio na boa ou má sorte dos indivíduos, e acho que toda a criatura humana, quando mais não seja senão pelo instinto de conservação, tem o direito de remover quantos obstáculos as circunstâncias oponham à sua felicidade. O destino é um preconceito.

VISCONDESSA

Mas não me parece que o seu caso seja caso para divórcio.

ARNALDO

O divórcio não foi instituído exclusivamente para os desonestos. Serve também para os infelizes... para os que se ligaram por um equívoco. Apenas lamento que o não tenhamos ainda absoluto e completo e Alice e eu não possamos recobrar senão parte da nossa liberdade.

LAURA (*tristemente*)

Alice era muito ciumenta.

ARNALDO

Ainda bem que vossa excelência o sabe. Foram os seus ciúmes que envenenaram a nossa existência conjugal e deram cabo do nosso amor. Não eram zelos, que os zelos são um condimento melindroso de toda a afeição sincera; eram ciúmes, ciúmes terríveis, extravagantes, absurdos, odiosos, - ciúmes que me ofendiam profundamente e muitas vezes me colocavam numa situação desairosa e ridícula, - ciúmes de todas as senhoras com que eu falava - ciúmes das mulheres desconhecidas que se sentavam a meu lado no bonde ou no teatro: - ciúmes das amigas, das parentes, das criadas e até das cozinheiras...

ISALTINA

Não é crível que tantos ciúmes fossem à toa, não é crível que o doutor não lhe tivesse dado, ao menos, uma vez, razão para...

DUDU (*deixando a janela*)

Isso agora é impertinência!

LUÍSA

Dudu!...

ARNALDO (*depois de uma pausa, tomando uma resolução e aproximando a sua cadeira da de Isaltina*)

Ouçã bem, minha senhora, e responda. Invertamos os papéis, agora quem interpela sou eu. Uma noite tive a honra de encontrá-la no Cassino, durante uma partida, do Clube dos Diários, e troquei algumas palavras com vossa excelência lembra-se?

ISALTINA

Perfeitamente. Foi o ano passado.

ARNALDO

Pois bem, as minhas palavras foram inconvenientes?... Eram palavras que vossa excelência não pudesse ou não devesse ouvir?

ISALTINA

Oh, doutor!... essa pergunta!...

ARNALDO

Peço a vossa excelência que me responda: algum dia faltei ao respeito devido a vossa excelência?

ISALTINA

Nunca...! Nem eu o permitiria!

ARNALDO

Algum dia estive a sós com vossa excelência?

ISALTINA

Comigo?! Nunca!

ARNALDO

Algum dia vossa excelência recebeu carta minha ou recado meu? Algum dia lobrigou nos meus olhares ou nos meus gestos a manifestação de um desejo impuro?

ISALTINA

Nunca!

ARNALDO

Pois bem, na opinião da minha mulher, vossa excelência foi minha amante! (*Levanta-se*).

TODAS

Oh! (*Levantam-se todas, menos Isaltina*).

ARNALDO

Ela muitas vezes lançou à cara os meus amores com vossa excelência e fartou-se de dizer a muita gente, inclusive ao Dr. Getúlio, compadre de vossa excelência Pergunte-lhe!

ISALTINA

Estou petrificada!

VISCONDESSA

O caso não é para menos.

ARNALDO

Creio que me justifiquei perfeitamente. Peço a vossas excelências permissão para me retirar... Viscondessa... minhas senhoras... (*Cumprimenta*).

TODAS

Doutor... (*Arnaldo sai*).

CENA V

As mesmas, menos Arnaldo.

ISALTINA (*levantando-se e prorrompendo em pranto*)

Por esta não esperava eu!

DUDU

Pois eu esperava!

LUÍSA

Dudu!

VISCONDESSA

Não chore... Não há razão para tanto!...

ISALTINA

Estou muito nervosa.

VISCONDESSA

Isso passa, não é nada. Minhas amigas, o Dr. Arnaldo Viegas respondeu tão bem à interpelação que podemos, creio, votar uma moção de confiança.

TODAS (*menos Isaltina*)

Apoiado!

DUDU

Está levantada a sessão!



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com